



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS ORAIS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

ALCILEIDE FREIRE DANTAS

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2018**

ALCILEIDE FREIRE DANTAS

A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS ORAIS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192i Dantas, Alcileide Freire.
A importância dos gêneros orais no ensino de língua materna [manuscrito] / Alcileide Freire Dantas. - 2018.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Gêneros textuais orais. 2. Língua Materna. 3. Ensino.

21. ed. CDD 469.07

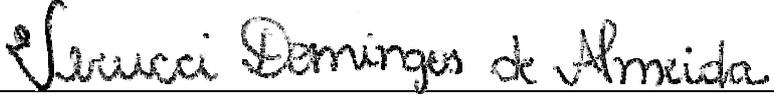
ALCILEIDE FREIRE DANTAS

A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS ORAIS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Msc. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Esp. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ma. Verucci Domingos de Almeida (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aprovada em: 14 de junho de 2018

A Deus, aos meus pais, a minha vó Rita, aos meus queridos irmãos, cunhados, sobrinhos e a meu noivo, pelo apoio e incentivo, por sempre me aconselharem a seguir em frente, em busca dos meus sonhos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “porque Dele e por Ele, e para Ele são todas as coisas” (Romanos 11:36).

Aos meus pais, Antônio Dantas e Francisca Freire, pelo o apoio incondicional, principalmente a minha mãe guerreira, que mesmo com pouco recursos faz muito, sempre me apoia e torce por mim;

Aos meus irmãos, sobrinhos, cunhados, Alcilene Freire, Jailson Freire, Ademildo Freire, Analice Mickelly Dantas, Francisco Gabriel Dantas e Ana Vitória Dantas, Moacir Ferreira, Carla Morgany Medeiros e em especial a meu noivo, Moábio Fernandes pelo o apoio e incentivo;

Aos colegas da graduação e amigos pessoais, em especial, Maria Luzinete Barreto, Joana D´arc Dutra, Vanuza Dultra e Simone Pereira, pela ajuda, pelos seus corações gigantes, pela sua sensibilidade de perceber o outro, tantas vezes que me ajudaram nas dificuldades;

À minha orientadora, professora Maria Aparecida Calado de O. Dantas, por todo o apoio e, principalmente, pelo incentivo à pesquisa científica;

A todos os professores do Curso de Graduação em Letras da UEPB, pela valiosa colaboração no campo da graduação em letras;

À coordenação do Curso de Letras, pelo seu empenho, e aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando necessário, em especial a Francisco Bezerra Neto por todo apoio e amizade;

Agradeço, enfim, a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, para a concretização desse objetivo, e por isso “não deixo de dar graças por vocês, mencionando-os em minhas orações” (Efésios 1:16).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 A SOCIOLINGUÍSTICA E A NATUREZA SOCIOINTERACIONISTA DA LINGUAGEM	08
3 A ORALIDADE, A ESCOLA E AS AULAS DE LÍNGUA MATERNA	10
4 OS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA	11
4.1 Concepção de texto e gêneros textuais e o contexto de uso	11
4.2 O trabalho com gêneros textuais orais em sala de aula	13
5 O TRATAMENTO DOS GÊNEROS ORAIS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	15
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
ABSTRACT	18
REFERÊNCIAS	19

RESUMO

Considerando a importância dos gêneros orais na constituição e relações sociais entre os sujeitos, o presente artigo tem por objetivo compreender a relevância do trabalho com a oralidade em sala de aula, numa perspectiva sociointeracionista, no ensino de língua materna. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em teorias que se ocupam em debater o tema, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), Bortoni-Ricardo (2009), Marcushi (2010), Castilho (1993), Schneuwly & Dolz (2004) entre outros. A pesquisa aponta para a necessidade de se abrir um espaço maior para a abordagem dos gêneros orais em sala de aula, de modo que a escola possa proporcionar aos alunos um ambiente de interação, pois vemos que é de extrema relevância o trabalho com gêneros orais no cotidiano escolar.

Palavras chaves: Gêneros textuais orais. Língua Materna. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo globalizado, estamos conectados a todo momento, viajamos aos lugares mais longínquos sem sequer sair do lugar, e nessas interações nos expressamos por meio da linguagem, verbal e/ou não verbal. Seja em ambientes infomais, como as redes sociais, ou até mesmo em uma entrevista de emprego, nos deparamos a todo momento com a necessidade de adequar a nossa linguagem ao ambiente, ou seja, precisamos ser políglotas dentro da própria língua e, nesse sentido cabe a escola possibilitar aos educandos situações que o permitam fazer uso da língua nos mais diferentes contextos de interação.

Atualmente, tem-se exigido muito da escola uma educação que ultrapasse seus muros, que possibilite ao alunado uma educação para a vida, que eles façam uso do conhecimento adquirido no cotidiano, e sendo assim, não há, uma boa aprendizagem sem interação com o meio, sem troca de experiências, sem socialização, através da verbalização. Fávero (2005) relata que é impossível viver sem comunicação, e o meio de comunicação mais direto é o oral. Tébar (2011, p. 175) afirma que “a interação entre o professor e os alunos na sala de aula é a situação comunicativa mais real que existe”, cada vez mais, torna-se necessário um trabalho sociodiscursivo.

Considerando o exposto, este trabalho tem o objetivo de compreender a relevância do trabalho com a oralidade em sala de aula, numa perspectiva sociointeracionista, no ensino de língua materna, do ensino fundamental e, para melhor atender a esse objetivo, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) refletir sobre as concepções de linguagem, com ênfase na concepção interacionista; b) destacar a importância do estudo dos gêneros orais nas aulas de língua portuguesa; c) investigar a proposta de trabalho com os gêneros orais nos documentos oficiais de língua portuguesa.

É relevante destacar que essa pesquisa partiu de uma inquietação da pesquisadora, quando ainda cursava o ensino básico, e percebia que os alunos quase não tinham voz em sala de aula, pois os espaços de aula não promoviam um ambiente interativo, quando muito, pediam que os educandos se manifestassem sobre um determinado assunto, entretanto paravam por aí, queriam apenas ouvir, e as opiniões dadas pelos alunos não tinham espaço efetivo, pois só eram

consideradas as abordagens que estivessem de acordo com o ponto de vista do professor e/ou do livro didático, e entendemos que é preciso dar voz aos estudantes em sala de aula, ou, no mínimo, promover situações em que possam se posicionar livremente.

De acordo com Dantas (2015) já na educação básica, o aluno precisa se cercar de conhecimentos que o permitam fazer uso da palavra dita e do pensamento lógico para que se desenvolva neles o senso crítico para que possam interagir com autonomia nos mais diferentes espaços sociais.

Para melhor conduzir a discussão, o trabalho está assim estruturado: inicialmente, são apresentadas algumas considerações sobre a concepção de linguagem, com ênfase para a perspectiva sociointeracional; em seguida, ressalta-se a importância de a oralidade ser enfatizada nas aulas de língua materna; no ponto 4, ressaltamos o trabalho com os gêneros orais e, por último, discorremos sobre o tratamento da oralidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Em um segundo momento tratamos sobre os gêneros textuais orais e ensino de língua materna. Trabalhar numa perspectiva sócio/interacionista, requer levar seus educandos a interagir na sociedade como sujeitos atuantes, não apenas como receptores, que recebem informações sem questionarem, o objetivo é promover estratégias que forneçam elementos que estimulem o aluno a interagir.

O estudo aponta para a necessidade de se abrir um espaço maior para a abordagem dos gêneros orais em sala de aula, de modo a possibilitar aos educandos oportunidades de vivenciar efetivas práticas de linguagem numa perspectiva interacionista e os gêneros orais se configuram como mecanismos dessa prática.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA E A NATUREZA SOCIOINTERACIONISTA DA LINGUAGEM

A Sociolinguística Interacional (SI) é um segmento de estudo que se configura nas relações interpessoais numa perspectiva de interação social Castanheira (2007). Ela estabelece relação com diversos campos do conhecimento, entre eles: Linguística, Antropologia, Sociologia, Psicologia, dentre outros, que abordam as relações existentes entre a linguagem, a sociedade, a cultura e a cognição. A

mesma teve seu apogeu por volta da década de 80, através de Gumperz, renomado estudioso da Sociolinguística Interacional. A SI baseia-se nas situações reais da língua, ou seja, seu público alvo são indivíduos sociais, históricos e ideologicamente caracterizados.

Em relação aos fundamentos metodológicos da Sociolinguística Interacional, Ribeiro e Garcez (2002, p.8), explicam que ela se encontra “[...] ancorada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa [...]”. De fato, a SI surge como uma abordagem de base fenomenológica e interpretativista, apresentando uma “[...] estrutura teórico interdisciplinar e uma metodologia bastante refinada para a descrição dos fenômenos da interação humana [...]” (BORTONI-RICARDO, 2003, p.231).

O interesse da SI não visa exclusivamente a linguagem verbal, ou seja, as pistas linguísticas que se referem ao código linguístico, mas também as intenções comunicativas expressas por elementos paralinguísticos e pelas pistas de natureza não verbal. Marcuschi (1991) afirma que o processo interacional se torna parte da realidade social de todo indivíduo e que através desse processo ele adquire e partilha conhecimentos. A SI Expõe que são através das relações humanas que o homem alarga seus horizontes, o que lhes impulsionam a ir além da captação de conhecimento e adquirir uma maior influência mútua dialógica, de caráter da linguagem não verbal, que auxilia a linguagem verbal, propagando a natureza dos discursos professados, “compartilhar os modos de fala faz parte do processo interativo de um grupo” (CAJAL, 2001, p. 130).

A Sociolinguística aplicada ao ensino retrata as diferenças no convívio social e expõe as especificidades de cada grupo de forma prática e clara.

Partindo desse viés, a escola se configura como um espaço, onde os sujeitos interagem nas mais recorrentes situações, utilizando-se da linguagem oral e escrita, envolvendo o uso da língua, fazendo apropriação nos mais variados espaços sociais.

É por meio da interação que os indivíduos adquirem, ampliam e modificam seus conhecimentos, usando a linguagem como ferramenta de manipulação do concreto, procurando atender as expectativas comunicativas. Cagliari (2009, p. 35) defende que

[...] a teoria da comunicação não é uma teoria sobre a linguagem, mas sobre um aspecto dela, que é a função comunicativa, a qual, por sinal, nem sequer representa a função principal da linguagem. A linguagem pressupõe, estabelece um jogo de direitos e deveres, é usada para marcar pessoas, classes sociais, reveste as pessoas de poderes e de fraquezas, de estigmas, de preconceitos.

Nesse sentido, a linguagem é inerente ao ser humano, um estigma, positivo ou negativo, que até mesmo demarca classes sociais e, por esta razão, pode ser motivo de ascensão ou de queda do indivíduo, ela estabelece um jogo de direitos e deveres, ou seja, a linguagem é uma arma poderosa, que precisamos saber como lidar, saber adequá-la ao ambiente, daí a importância do ensino na escola, pois para saber usá-la é necessária sistematização que a escola deve oferecer ao seu alunado.

Para Bakhtin/Voloshinov (1995, p. 113):

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor.

Em relação ao exposto, toda palavra exprime uma ideologia a um sujeito em relação a outro, uma espécie de ponte que liga o sujeito a outro. Assim, é essencial que a escola pondere com relação a seu papel social, revendo suas ações que priorizam o ensino estruturalista da língua, o que impossibilita ao aluno ampliar-se como sujeito interativo e dar lugar a um ensino que possibilite à autonomia do sujeito quando do uso da linguagem nas mais diferentes situações sociais.

3 A ORALIDADE, A ESCOLA E AS AULAS DE LÍNGUA MATERNA

As crianças quando são inseridas na escola já fazem o uso da linguagem oral, mesmo não dominando a escrita. Sua inserção inicial é justamente para elas irem interagindo com os colegas e com a escola. Uma boa base escolar influenciará em toda a sua vida escolar e social, sendo assim, é importante que o trabalho com a linguagem oral comece desde os anos iniciais, com professores capazes de possibilitar aos educandos oportunidades de interagirem com o meio em que estão inseridos e assim, desenvolverem-se linguisticamente e socialmente.

Marcuschi (1996, p. 03) usa de quatro premissas para discutir o benefício do trabalho com a língua oral no ensino de língua materna, a saber:

- A língua é heterogênea e variável;
- A escola deve ocupar-se da fala propondo um paralelo de análise com a escrita;
- A escrita torna o aluno bimodal, diferentemente de bialetal;
- O uso da língua deve ser feito em textos contextualizados, rompendo com o ensino de unidades isoladas.

De forma geral, o autor defende que as unidades de ensino por meio de reflexão procure sempre promover um paralelo entre fala e escrita, que ambas tenham um lugar de destaque em sala; a escola deve procurar capacitar sua equipe, pois só haverá um ensino eficiente se houver profissionais capacitados, para se trabalhar com a linguagem, necessita um planejamento prévio, o ensino de língua requer todo um encaminhamento, com objetivos e propósitos definidos.

Segundo Marcuschi (2008.p.173):

A aula de língua materna é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente interno ao sistema da língua e vai além da atividade comunicativa e informacional. (...) A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. Isto é um convite claro para o ensino situado em contextos reais da vida cotidiano.

De forma geral, a aula de língua materna precisa ultrapassar o princípio interno da língua e as atividades comunicativas, o autor ainda ressalta que o ensino de língua, deve abranger as experiências culturais através das vivências humanas que estão sempre entorno da linguagem. É necessário que os educadores percebam que eles precisam trabalhar na perspectiva de “formar a consciência de que a língua não é homogênea nem monolítica” (Marcuschi, (2002, p. 24), pois ela vive em constante modificação de acordo com a sociedade.

4 OS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

4.1 Concepção de texto e gêneros textuais e o contexto de uso

Para entendermos melhor os gêneros textuais, é necessário primeiramente definir o que significa o "texto". De maneira mais generalizada, a palavra texto vem do latim *textum* que significa tecido, ou seja, um entrelaçamento, o que nos direciona a pensar o texto como um todo organizado que possibilita uma interação com seu interlocutor.

Segundo Platão e Fiorin (2000, p. 17), apesar da dificuldade de se definir texto, pode-se afirmar que

Um texto deve conter coerência de sentido, uma vez que não devemos tao somente utilizar algumas frases sem conectá-las adequadamente umas às outras. O uso adequado dos conectivos interliga as orações e amenisa o risco de afetar a ideia principal do texto.

O texto é uma forma de comunicação precisa e dotada de sentido, onde o locutor exprime a mensagem e o interlocutor consegue entender o que está sendo transmitido. É necessário também que sejam percebidos os elementos implícitos e pressupostos no texto para que haja um diálogo entre o emissor e leitor.

Partindo do princípio de que a todo a momento falamos e/ou escrevemos, utilizando os gêneros textuais, com a finalidade de cumprir um papel comunicativo, destaca-se a importância de sua utilização nas práticas de linguagem dentro ou fora da escola; são os gêneros que nos permitem interagir nos mais diferentes contextos sociais.

Os gêneros textuais presentes no cotidiano são diversos e constituem as mais variadas formas de comunicações sociais. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- Conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- Construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- Estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc. (BRASIL 1998, p. 21).

Como se pode perceber, é impossível definirmos o número exato dos gêneros textuais existentes, pois os mesmos surgem com a necessidade social, sofrem constantes variações em sua constituição, são dinâmicos, vivem em processos de transmutação, são práticas sociocomunicativas que estão sempre resultando em um novo gênero.

De acordo com Marcuschi (2010), os gêneros textuais são “maleáveis”, designados e utilizados de acordo com a necessidade de comunicação do sujeito comunicativo. As características dos gêneros textuais orais, com base em (Marcuschi, (2002, p. 23), são:

- Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
- Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
- Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;

De forma abrangente, os gêneros textuais são constituídos por características próprias, conforme a necessidade de uso e o meio de circulação. Constituir-se como gênero discursivo, eles cumprem um papel social amplo na prática da comunicação. Cada gênero textual possui um estilo próprio e está ligado a questões históricas e culturais, de forma que se transformam de acordo com a sociedade, eles podem sofrer processo de mutação contribuindo para o surgimento de novos gêneros, como por exemplo, a carta que deu origem ao e-mail.

De acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, os gêneros constituem-se dentro de contextos temáticos. Eles são compostos com características individuais de cada gênero.

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 1998, p. 23).

Nessa perspectiva, os gêneros textuais exercem diversas funções sociais de acordo com a finalidade e meio de vinculação, sendo assim, faz-se necessário que a escola faça conhecer a definição e a função social de cada um deles, com o objetivo

de favorecer o uso da linguagem oral na interação em sala de aula e posteriormente no dia a dia como mecanismo de interação social.

4.2 O trabalho com gêneros textuais orais em sala de aula

De acordo com Antunes (2003), a escola tem uma equivocada compreensão do trabalho com os gêneros orais, quando parte do princípio de que não há necessidade de se trabalhar com a oralidade em sala de aula, uma vez que os sujeitos já dominam a linguagem oral, ignorando o fato de que é papel da escola aprimorar as competências e as habilidades trazidas pelos estudantes e adquiridas através das suas interações em seus espaços sociais.

Não se trata de anular os conhecimentos trazidos, mas aprimorá-los, sistematizá-los de modo que se adequem aos espaços sociais em que estejam inseridos. É necessário que a escola perceba que o uso da língua oral é mais do que uma exigência pedagógica, uma vez que representa uma necessidade social. Para que ocorra a construção do conhecimento é preciso uma maturação das ideias, dos meios, dos fatos e cultura. Conforme afirma Marcuschi (2001, p. 83):

O trabalho com a oralidade pode, ainda, resultar a contribuição de fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que permitem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva (...) Dedicar-se do estado da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito é a discriminação linguística, bem como formas de disseminação.

Nesse sentido, entende-se que a escola deve deixar o aluno se expressar, pois as manifestações orais são relevantes na formação do sujeito, dessa forma ele vai perdendo a timidez, se autoafirmando enquanto sujeitos sociais, mentores de seus discursos e de suas vozes.

Ainda de acordo com Marcuschi (2003, p. 15):

O trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizermos linguisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero.

Nesse sentido, o trabalho com os gêneros textuais é uma rica chance de lidar com as especificidades da língua nos mais diversos espaços sociais, uma vez que o homem é um ser interativo por natureza e se constitui a partir das interações que estabelece com o outro, tendo como mecanismo de interação a linguagem.

Dada a importância dos gêneros orais, faz-se necessário que a modalidade oral da língua seja enfatizada a partir de um trabalho pautado nos gêneros orais formais, uma vez que, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), é função da escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente as mais formais. Entretanto ainda é notório uma primazia no ensino da escrita em detrimento da oralidade, que acaba sendo relegada às situações de uso informal. Há uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula.

Trabalhar em uma perspectiva de interação por meio da oralidade requer que o professor valorize no aluno suas experiências culturais e sociais, respeite o conhecimento que ele traz ao chegar à escola, ele tem que se sentir acolhido por meio do respeito a suas experiências. É necessário que haja uma boa relação professor/aluno, pois ambos têm que se reconhecerem sujeitos comunicantes para que seja quebrado o preconceito por parte dos alunos que o papel do professor é falar e o deles é apenas ouvir, sem questionar se realmente o que está sendo colocado é mesmo verdade.

Esse tipo de ensino tradicional, onde é negada a fala dos educandos não é mais adequado na atualidade, está ultrapassado, é necessário instigar nos alunos a criticidade por meio da interação, para que ocorram situações de aprendizagem que não se limitem aos espaços da sala de aula. De acordo com Castilho (1998), a incorporação da oralidade em sala de aula aproxima dois mundos, na maioria das vezes tão distante, que é o indivíduo e a escola.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), é função da escola ampliar as formas de produção do dia a dia dos seus alunos, mostrando que existem outras formas, que os seus saberes não são menos relevantes, porém, a escola pode ajudá-los a aprimorar, mostrando que eles vão precisar durante suas vidas, de um nível de instrução mais elevado, para melhor qualidade de vida. Cabe a escola dar

esse suporte aos seus educandos, através de um ensino de qualidade que privilegie linguagem oral.

Nessa perspectiva, reforça-se a ideia de que é impossível trabalhar em sala de aula se não for por meio da interação, com o auxílio de diversas estratégias como peça teatral, seminários, debates, músicas, entrevistas aula expositiva dialogada e outros. Porém, para trabalhar com esses diferentes gêneros orais, o professor deve sempre instruir os alunos, mostrando a finalidade de cada gênero textual, não apenas trabalhar de forma isolada sem o aluno saber o objetivo do trabalho com cada gênero oral ou escrito em sala.

É sempre necessário estimular a participação dos alunos levando em conta seus conhecimentos, uma vez que eles não são uma folha em branco, trabalhar com gêneros orais com a finalidade pedagógica exige reconhecer no aluno um sujeito interativo. A inserção dos gêneros textuais em sala de aula é uma rica oportunidade de se trabalhar com as especificidades da língua em reais situações do cotidiano.

5 O TRATAMENTO DOS GÊNEROS ORAIS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL 1998) propõem o uso dos gêneros textuais como objeto de ensino para a prática de leitura, produção textual e sugerem o lugar do texto oral e escrito como a materialização de um gênero, e, por isso, defendem os gêneros como fortes aliados no processo de ensino/aprendizagem em língua materna. Os PCN promovem grandes contribuições aos profissionais da educação, com suas propostas de ensino por meio dos gêneros textuais escritos e orais.

Os documentos ainda ressaltam que a oralidade deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, não apenas em aulas de português, colocando a oralidade como uma das questões centrais do processo de ensino e aprendizagem de língua materna. De acordo com o documento:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que

apoiam a aprendizagem escolar de língua portuguesa e de outras áreas e, também os gêneros da vida pública. (BRASIL/PCN, 1998, p. 67)

Nesse sentido, o objetivo principal deve ser a inserção do aluno no mundo social, daí a necessidade de serem oferecidos mecanismos que dêem acesso ao uso da linguagem formal para que o educando seja instruído de forma que consiga ter domínio no exercício da cidadania.

Ensinar a língua falada deve abranger o domínio dos gêneros que norteiam a aprendizagem escolar de língua portuguesa e de outras disciplinas, não pode restringir-se a apenas uma disciplina, para que haja um bom resultado é preciso que as práticas pedagógicas sejam enfatizadas desde os anos iniciais para que seja dada ao estudante a possibilidade de acesso aos usos da linguagem mais formal e convencional, ou seja, o aluno vai cada vez mais enriquecendo seu vocabulário.

É fato que nos dias atuais não se pode mais perpetuar a ideia de que pelo motivo dos educandos já estarem inseridos no meio social, dominar a língua materna oral, não necessite trabalhar a linguagem oral, pelo contrário, por esse fato é que a oralidade se torna ainda mais necessária como matéria em sala de aula, a oralidade precisa ser trabalhada como um objeto de interação em todos os conteúdos de língua.

O ensino de língua oral representa a ampliação dos conhecimentos dos alunos sobre a importância de conhecer os mecanismos de uso da oralidade em situações também formais, uma vez que sua utilização não se restringe aos aspectos informais, tendo em vista o domínio da palavra pública que favoreça o exercício da cidadania, através do conhecimento adquirido.

Os PCN (1998, p.58) ressaltam ainda que a produção de textos orais, requer:

- Planejamento prévio da fala em função da intencionalidade do locutor, das características do receptor, das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos;
- Seleção, adequada ao gênero, de recursos discursivos semânticos e gramaticais, prosódicos e gestuais;
- Emprego de recursos escritos (gráficos, esquemas, tabelas) como apoio para manutenção da continuidade da exposição;
- Ajuste da fala em função da reação dos interlocutores, como levar em conta o ponto de vista do outro para acatá-lo, refutá-lo ou negociá-lo.

Assim, a produção de gêneros orais não deve ser feita de forma desplanejada, necessita um planejamento consciente, requer uma seleção adequada do gênero textual de acordo com a finalidade, como meio de vinculação, contexto de uso, público alvo, enfim, como qualquer outra situação de interação a partir de gêneros, o uso da oralidade requer sistematização e direcionamento para que a intencionalidade quando da efetivação do gênero seja alcançada.

Considerando as abordagens presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o trabalho com os gêneros orais, é possível afirmar que o ensino de língua materna só se dá de forma eficiente se contemplar em seu planejamento a sistematização dos gêneros orais formais, já que representam uma continuidade oralidade x escrita e não uma abordagem dicotômica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas nesse estudo sobre a relevância do trabalho com oralidade em sala de aula apontam para a importância de se abrir um espaço mais significativo para a abordagem dos gêneros orais em sala de aula, de modo que a escola possa promover aos alunos um ambiente de interação, considerando que é a partir das relações estabelecidas com o outro que o homem se constitui enquanto sujeito social.

Partindo desse viés, por meio de uma abordagem da Linguística Textual e da Sociolinguística Interacional, procuramos através de aportes apresentar reflexões acerca do trabalho com os gêneros orais formais nas aulas de língua materna, uma vez que consideramos de extrema relevância inserir nas práticas pedagógicas das aulas de língua materna estratégias que contemplem a sistematização dos gêneros orais em sala, com o objetivo de desenvolver a competência linguística dos estudantes, que sejam compreendidas as noções teóricas sobre a oralidade que lhes possibilitem efetivar as práticas didáticas canalizadas para a formação dos sujeitos linguisticamente competentes.

Esperamos, portanto, que esta pesquisa possa fomentar o debate sobre o trabalho com gêneros orais no ensino de língua materna, embora existam inúmeras pesquisas que tratam desse assunto, a nossa defesa é a de que o tema não se esgota com esses estudos, tendo em vista as mudanças aplicadas ao ensino de um

modo geral e, principalmente, as diferentes expectativas dos alunos, seus anseios e perspectivas dentro de uma cultura contemporânea fugaz.

Assim, ansiamos contribuir no sentido de provocar algum tipo de suporte tanto ao professor de língua portuguesa quanto nos alunos e noutros agentes envolvidos no processo, a fim de que se conceba um ensino/aprendizagem eficaz. É essencial que os docentes pautem o seu trabalho de forma que envolvam os aspectos linguísticos, paralinguísticos, cinésicos e extralinguísticos da língua, favorecendo aos educandos experiências em tarefas pedagógicas que contribuam nas ações socioculturais no cotidiano dos sujeitos.

ABSTRACT

Considering the importance of oral genres in the constitution and social relations between the subjects, this article aims to understand the relevance of work with orality in the classroom, from a socio - interactionist perspective, in the teaching of mother tongue. This is a bibliographical research, based on theories that deal with the topic, such as the Parametros Curriculares Nacionais (Brasil/PCN, 1998), Bortoni-Ricardo (2009), Marcushi (2010), Castilho (1993), Schneuwly & Dolz (2004), among others. The research points to the need to open a larger space to approach oral genres in the classroom, so that the school can provide students with an interaction environment, as we see that work with oral genres is extremely relevant in the everyday life.

Key-words: Oral textual genres. Mother tongue. Teaching.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN. M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério de educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 11 ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- CAJAL, Irene Baleroni. A interação de sala de aula: como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos? *In: Cenas de sala de aula*. COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- CASTANHEIRA, S. F. **Estudo Etnográfico das Contribuições da Sociolinguística à Introdução ao Letramento Científico no Início da Escolarização**. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UNB, 2007.
- CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- DANTAS, Maria Aparecida Calado de Oliveira. **Gêneros Oraís nas aulas de língua Portuguesa: modos de fazer**. (Dissertação de Mestrado). Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2015.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FÁVERO, Lopes Leonor, et al. **Oralidade e escrita perspectivas para o ensino de língua materna**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco Savioli. **Lições de texto: leitura e redação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- GUMPERZ, John J. Convenções de Contextualização. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.) Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

----- **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola, São Paulo, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **A língua falada e o ensino de português**. 6º Congresso de Língua Portuguesa – PUC-SP, 1996.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. SP: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

----- Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

----- L. A. **análise da conversação**. 2 ed, são Paulo: Ática, 1991.

RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. SP: Loyola, 2002.

TEBAR, L. **O perfil do professor mediador**. São Paulo: SENAC, 2011.